

2012*2013

SÍNODO
DIOCESANO



«A Igreja que
queremos ser»

A Verdade te libertará

CADERNO 1

Sínodo Diocesano
2012-2013

“A Verdade te libertará”

Caderno 1

Diocese de Beja

ÍNDICE

Índice	5
Mensagem do Bispo de Beja	6
Metodologia do Sínodo Diocesano	7
Tema 1: A Igreja, mistério de Comunhão.....	13
1º Encontro	13
2º Encontro	17
3º Encontro	20
Tema 2: A Igreja, Povo de Deus.....	23
Encontro	23
Tema 3: Igreja, Estruturas de Participação e Corresponsabilidade	29
1º Encontro	29
2º Encontro	32
3º Encontro	35

Mensagem do Bispo de Beja

Caríssimos colaboradores, membros do Sínodo diocesano de Beja

Escrevo-vos esta breve mensagem de apresentação do primeiro tema que a Comissão sinodal propõe para o nosso estudo. Tendo em conta o elenco de temas resultantes de várias reuniões e consultas da Comissão preparatória, julgou-se oportuno começar o trabalho sinodal com a reflexão sobre a identidade, missão e organização da Igreja, à luz dos documentos emanados do concílio Vaticano II, cujo cinquentenário estamos a celebrar, e do sentido comum da fé do nosso povo, com uma sensibilidade cultural e religiosa específicas, bastante diferentes de outras regiões.

Sendo a Igreja, em Cristo, como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano (LG nº1), vamos tentar avaliar como estamos a viver e construir essa comunhão e unidade, de modo que o mundo busque e descubra a fonte da salvação. Vede como eles se amam, dizia-se dos primeiros cristãos. Eram assíduos ao ensino dos apóstolos, que davam testemunho de Jesus, à oração, à celebração do memorial de Cristo, a Eucaristia e à comunhão e partilha fraterna, de modo que ninguém entre eles passava necessidade, lemos nos Atos dos Apóstolos (2, 42 ss e 4, 33 ss).

Os subsídios para ajudar a nossa reflexão e elaborar os nossos contributos serão, para além da Palavra da Escritura, a oração e o diálogo, os três primeiros capítulos da Constituição sobre a Igreja, emanada do concílio Vaticano II, assim como o Decreto sobre o Apostolado dos Leigos, do mesmo concílio e a Exortação Apostólica sobre os Fiéis Leigos (Christifideles Laici, de 1988). Recomendo também a leitura de outra Exortação sinodal sobre a Igreja na Europa, de 2003, e os trabalhos do último sínodo dos bispos sobre a nova evangelização para a transmissão da fé cristã. Mas o mais importante será o contributo emanado dos nossos diálogos em pequenos grupos, para tentar responder às questões formuladas pela Comissão sinodal e outras que, à volta deste primeiro tema, possam surgir.

Para que a segunda assembleia sinodal, marcada para 1 de Maio de 2013, possa ser bem preparada e frutuosa, pede-se para que os encontros a nível local se comecem a realizar quanto antes, de modo que os contributos dos grupos cheguem ao Secretariado geral do Sínodo até fim de Março, ou seja, até à Páscoa, que este ano se celebra a 31 de Março. Estes encontros de reflexão serão uma boa maneira de viver a Quaresma e preparar a nossa Páscoa.

Com a gratidão e a amizade do Bispo de Beja

Beja, 13 de Janeiro de 2013, Festa do Batismo do Senhor

† António Vitalino

METODOLOGIA DO SÍNODO DIOCESANO

1. Resposta ao mandato do Senhor

Hoje, como na tarde do dia de Páscoa, em que Jesus se apresentou no meio dos discípulos e lhes disse: «assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós» (Jo 20, 21), os sucessores dos Apóstolos, os bispos, continuam a ouvir e a realizar o mandato do Senhor. O anúncio de Jesus como Messias, único salvador, é para todas as pessoas de todos tempos. Deste modo, precisa de ser realizado em cada momento e em cada circunstância da história humana.

A erosão dos dias e a permanente renovação das sociedades é um apelo à renovação constante do anúncio de que Cristo está vivo e quer atrair a si e salvar todas as pessoas. Assim, o nosso Bispo, sucessor dos Apóstolos, neste momento histórico, convida a sua Igreja a rever-se, para verificar se está pastoralmente organizada de modo a ser luz e fermento nesta comunidade humana na qual está presente.

A todos aqueles que estão disponíveis para colaborar nesta experiência comunitária de renovação cristã e pastoral, ele convoca para caminhar em espírito sinodal, ouvindo o conselho daqueles que constituem a sua Igreja Particular ou Diocese. Com este gesto, tem como objetivo garantir, no tempo presente, a fidelidade da sua Igreja à missão que Cristo lhe confiou.

2. O que é o Sínodo Diocesano?

O Regulamento que define o modo como se deve desenrolar o Sínodo na nossa diocese diz que se trata de uma «assembleia que, representando a Igreja Diocesana por inteiro, se reúne em nome do Senhor, sob a autoridade do Bispo, a fim de, com ele, colaborar no estudo, reflexão e deliberação sobre vários âmbitos do governo da Diocese, em particular no que se refere à missão fundamental de nela anunciar Jesus Cristo e tornar presente o reino de Deus».

Em conformidade com esta definição, o nosso Bispo convoca-nos a todos sem exceção para, em comunhão com ele, entrarmos num processo, num caminho longo de renovação da vida cristã na Diocese. O Sínodo será, portanto, um tempo em que todos somos chamados para, em oração e estudo, darmos ao nosso Bispo a colaboração de que ele sente necessidade, para uma organização eficaz e um anúncio adequado de Jesus Cristo às pessoas que, neste tempo particular, vivem na diocese de Beja.

3. Metodologia

O Sínodo vai desenrolar-se em vários planos:

- a) Nas comunidades paroquiais onde os grupos realizam a sua atividade, entregando-se à oração e ao estudo dos temas que lhe vão ser propostos;
- b) Ao nível arciprestal onde se estima que se realize, periodicamente, a assembleia constituída por todos os grupos de trabalho das paróquias;
- c) Em Assembleia Sinodal diocesana, previamente selecionada, onde os sinodais trabalham sobre a síntese das sínteses vindas das assembleias arciprestais e votam os documentos finais.

3.1. Grupos sinodais

As comunidades cristãs paroquiais ou interparoquiais, em resposta ao convite do Bispo, organizam-se em grupos de pessoas que se manifestam disponíveis para colaborar na renovação da Igreja diocesana, segundo o espírito de Jesus Cristo. Os grupos devem obedecer aos seguintes perfis e critérios:

- a) Os grupos constituem-se numa base de 05 a 15 pessoas. Menos ou mais condiciona bastante e empobrece o diálogo e a participação de todos os seus elementos.
- b) Cada grupo paroquial ou interparoquial poderá constituir-se a partir de atividades pastorais já existentes na(s) paróquia(s) como, por exemplo evangelização (catequistas, grupos bíblicos ou assembleias familiares, lectio divina, etc); liturgia (ministros extraordinários da comunhão, acólitos, leitores, salmistas); ação sócio-caritativa (direção e funcionários do Centro social, grupo Caritas, Conferência de São Vicente de Paulo, etc); movimentos (Mensagem de Fátima, Apostolado da Oração, Carismáticos, etc); Movimentos de jovens (Grupo paroquial, Escuteiros, Jovens Shema, etc). Não sendo possível esta organização, opta-se pela forma mais adequada a cada situação.

c) Cada grupo terá um Animador cuja função essencial é propor dinâmicas de participação de todas as pessoas. Além disso, haverá também um Relator ou Secretário que tomará nota das conclusões a que chega o grupo. Sempre que em cada comunidade paroquial ou interparoquial haja mais do que um grupo, deverá haver um pequeno Secretariado que faça as sínteses de todos os grupos. Estas sínteses, uma vez aprovadas pelos grupos são enviadas à Assembleia arciprestal. Esta cria um pequeno grupo de pessoas que faz a síntese de todos os grupos paroquiais ou interparoquiais, sumete-a à Assembleia arciprestal, constituída pelo Animador e Relator de cada grupo, que, por sua vez, a envia ao Secretariado do Sínodo.

d) Como refere o nosso Regulamento, o Secretariado do Sínodo com base nas reflexões e propostas recebidas, elabora um documento que envia à Assembleia sinodal a fim de ser estudado e, finalmente, votado. Aqui chegados, o resultado é entregue ao Bispo para, se estiver de acordo, o aprovar e dar-lhe o seguimento regulamentar.

3.2. Reunião do Grupo Sinodal

O Grupo Sinodal é o elemento base e determinante de toda esta experiência que é fazer caminho em busca de uma Igreja paroquial e diocesana segundo o espírito de Cristo, através do contributo de todos. Deste modo, a riqueza da Assembleia Sinodal será o resultado do contributo dos cristãos que constituem o Grupo Sinodal.

O elemento fundamental do Grupo é o Pároco, primeiro responsável da comunidade cristã e, por isso mesmo, também da caminhada sinodal. A ele compete o acompanhamento permanente e o apoio conveniente na preparação da reunião do Grupo Sinodal.

A reunião do Grupo Sinodal, para ser frutuosa, deve ser:

- Bem preparada por todos os seus membros, em especial o Animador e o Secretário ou Relator;
- Num clima de alegria cristã, de comunhão eclesial, de boas relações pessoais e de respeito pela opinião de cada um;
- Participada, ativa, livre, consciente, com o empenho de cada um;
- Marcada pela pontualidade para o seu início e o seu termo;
- Com a duração de uma hora aproximadamente.

3.3. Percurso de cada reunião

1º Acolhimento num espaço agradável

2º Oração

3º Reflexão sobre o tema

4º Elaboração de propostas de ação pastoral a partir das perguntas propostas sobre o tema

5º Recitação da Oração do Sínodo ou cântico do Hino

3.4. O que se pede ao Grupo Sinodal

- Que reflita sobre os temas propostos
- Que faça uma breve síntese da sua reflexão, recolhendo todos os elementos e sensibilidades que emergiram na reunião
- Que elabore propostas concretas de ação pastoral para a diocese relativas ao assunto em estudo
- Que envie a síntese e as propostas ao Secretariado arciprestal

TEMA 1

A Igreja, mistério de Comunhão

NOTA IMPORTANTE:

1. Antes de ir para o seu grupo de trabalho, leia com muita atenção os textos que se seguem; reflita sobre cada frase ou conjunto de frases; transporte para o trabalho do grupo as suas reflexões, se puder, por escrito.
2. O Animador e o Relator ou Secretário do grupo deverão preparar previamente o encontro, delineando a forma como vão ajudar o grupo na compreensão de cada texto antes de responder ao questionário.

1º ENCONTRO

- 1º Acolhimento
- 2º Oração
- 3º Leitura de: Ef 1, 3-6
- 4º Reflexão sobre o tema

Introdução

Desde sempre, costumamos dizer desde toda a eternidade, Deus, como Pai, Filho e Espírito Santo, tem um desígnio de amor para connosco. A este desígnio oculto no seio de Deus e que ele foi revelando ao longo da história ao seu povo, chamamos mistério de Deus.

Mistério, portanto, é aquilo que se refere ao desígnio de Deus sobre a humanidade. A Igreja é mistério porque veio de Deus, e está ao serviço do seu desígnio. A Igreja é um organismo através do qual Deus nos salva. Ela é mistério porque se relaciona com Cristo e só existe, tem valor e eficácia por Ele (H. de Lubac).

Ao longo desta reflexão, vamos percorrer alguns dos momentos da revelação desse desígnio oculto de Deus, desse mistério de Deus, tal como nos é

descrito pela palavra revelada e autenticada pelo magistério da Igreja. Em toda esta revelação, ficamos também a conhecer a profunda intimidade, a comunhão total na acção do Pai do Filho e do Espírito Santo. A salvação da humanidade mostra a admirável comunhão da Santíssima Trindade.

1. Deus Pai quer salvar-nos

Na verdade, Deus pensou sempre em nós como Pai. A sua bondade paternal manifestou-se quando decidiu libertar as pessoas da situação de pecado. Os bispos, reunidos em Roma para o Concílio Vaticano II, isto é, o magistério da Igreja, disseram-nos isto mesmo: *“O Eterno Pai criou o universo, decidiu elevar os homens à participação da vida divina e não os abandonou, uma vez caídos em Adão, antes, em atenção a Cristo Redentor que é a imagem de Deus invisível, sempre lhes concedeu os auxílios para se salvarem. E, aos que crêem em Cristo, decidiu chamá-los à santa Igreja”* (LG 2).

O Concílio diz-nos que Cristo é a luz dos povos. Também diz que a Igreja é o sacramento, ou sinal, e o instrumento da união com Deus. Então a Igreja tem a missão de iluminar todos os homens com a luz de Cristo e fazer com que alcancem a plena unidade em Cristo (LG 1).

A nossa resposta ao amoroso ato criador de Deus é, muitas vezes, como a dos nossos antepassados: o orgulho de querermos viver e organizar-nos sem Ele. O pecado é essa ruptura com o amor paternal de Deus, é a perda da vida com que Deus nos quis desde sempre. Essa vida foi-nos recuperada por Cristo, o Filho de Deus que, aceitando fazer-se um de nós, na sua humanidade, recuperou todas as pessoas para o Pai.

2. A missão de Cristo

Esse desígnio admirável de nos restituir a vida divina e que mostra a infinita bondade de Deus Pai, foi revelado e realizado pelo Filho, Jesus Cristo: *“Cristo deu começo na terra ao Reino dos Céus e revelou-nos o seu mistério, realizando a redenção. A Igreja, ou seja, o Reino de Cristo já presente em mistério, cresce no mundo pelo poder de Deus. Tal começo e crescimento exprimem-nos o sangue e água que manaram do lado aberto*

de Jesus crucificado, e preanunciam-nos as palavras do Senhor acerca da sua morte na cruz: *“Quando Eu for levantado acima da terra, atrairei todos a mim”*. Sempre que no altar se celebra o sacrifício da cruz, na qual *“Cristo, nossa Páscoa, foi imolado”*, realiza-se também a obra da nossa redenção. Pelo sacramento do pão eucarístico, ao mesmo tempo é representada e se realiza a unidade dos fiéis, que constituem um só corpo em Cristo. Todos os homens são chamados a esta união com Cristo, luz do mundo, do qual vivimos, por quem vivemos, e para o qual caminhamos” (LG 3).

Cristo, enviado do Pai, através da sua palavra e pelos acontecimentos que protagonizou, revelou-nos a nossa filiação divina e fundou a Igreja. Em total obediência ao Pai, com a sua morte na cruz, realizou a nossa redenção, reconquistando-nos a dignidade de filhos, possuidores da sua mesma vida divina. Por isso ele diz: *“Quando Eu for levantado acima da terra, atrairei todos a mim”* (Jo 12, 32).

Agora, as pessoas que aceitam viver como discípulos de Jesus Cristo, «os que crêem em Cristo», têm a vida divina. Como diz São Paulo: *«Porque, assim como por um homem veio a morte, também por um homem vem a ressurreição dos mortos. E como todos morrem em Adão, assim em Cristo todos voltarão a receber a vida»* (1 Cor 15, 21.22).

Questões para o diálogo

1. Que impede a Igreja, na sua paróquia e na diocese, de ser sinal e luz para as situações das pessoas de hoje, de ser atractiva e sinal de unidade e de comunhão?
2. A celebração da Eucaristia é, para si e para a sua comunidade, verdadeira fonte de comunhão com os irmãos? Que será preciso mudar?
3. Que se faz ou poderá fazer na sua comunidade no que se refere ao respeito pela vida e vida com dignidade como Deus nos quer?

3. O Espírito santificador e vivificador da Igreja

Para realizar a sua missão, a Igreja precisa do Espírito Santo. Com efeito, é o Espírito Santo que ilumina, abre caminho e conduz a Igreja, *«unifica-na comunhão»*. É o Espírito Santo que abre o coração das pessoas ao entendimento da palavra das Escrituras e a Cristo, como fez no dia de

Pentecostes aos Apóstolos e aos seus ouvintes. A raiz e a fonte da comunhão fraterna é o Espírito Santo. É Ele quem realiza em nós o querer e o agir segundo a vontade de Deus.

Entretanto, «no dia de Pentecostes, foi enviado o Espírito Santo para que santificasse continuamente a Igreja e deste modo os fiéis tivessem acesso ao Pai, por Cristo, num só Espírito. Ele é o Espírito de vida, ou a fonte de água que jorra para a vida eterna; por quem o Pai vivifica os homens mortos pelo pecado, até que ressuscite em Cristo os seus corpos mortais.

O Espírito habita na Igreja e nos corações dos fiéis, como num templo, e dentro deles ora e dá testemunho da adopção de filhos. A Igreja, que Ele conduz à verdade total e unifica na comunhão e no ministério, enriquece-a Ele e guia-a com diversos dons hierárquicos e carismáticos e adorna-a com os seus frutos. Pela força do Evangelho rejuvenesce a Igreja e renova-a continuamente e leva-a à união perfeita com o seu Esposo. Porque o Espírito e a Esposa dizem ao Senhor Jesus: «Vem»!

Assim a Igreja aparece como um povo unido pela unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (LG 4).

Como vemos através da manifestação e realização do desígnio de Deus sobre a humanidade, o fundamento, a raiz da comunhão da Igreja reside na própria comunhão íntima das três pessoas divinas.

Questões para o diálogo

1. A preparação, e o acompanhamento das pessoas que recebem os sacramentos da Iniciação Cristã são adequados para garantir a sua perseverança e a renovação da comunidade cristã? Que sugere para melhorar?
2. Como é que as estruturas, serviços e movimentos da sua comunidade e da diocese poderiam contribuir para construir ou melhorar a comunhão?

5º Elaboração de propostas de acção pastoral a partir das perguntas propostas sobre o tema

6º Recitação da Oração do Sínodo ou cântico do Hino

2º ENCONTRO

1º Acolhimento

2º Oração

3º Leitura de: Mt 4, 17-23

4º Reflexão sobre o tema

4. A missão da Igreja

Jesus, com a sua ressurreição, regressou ao seio do Pai donde tinha vindo. Para continuar a sua missão no mundo ao longo do tempo, fundou a Igreja. Deste modo, à Igreja foi cometida a responsabilidade de ir por todo o mundo a anunciar a boa nova do Reino de Deus.

“O Senhor Jesus deu início à Sua Igreja pregando a boa nova do advento do Reino de Deus prometido desde há séculos nas Escrituras: «cumpriu-se o tempo, o Reino de Deus está próximo». Este Reino manifesta-se na palavra, nas obras e na presença de Cristo. A palavra do Senhor compara-se à semente lançada ao campo: aqueles que a ouvem com fé e entram a fazer parte do pequeno rebanho de Cristo, já receberam o Reino; depois, por força própria, a semente germina e cresce até ao tempo da messe. Também os milagres de Jesus comprovam que já chegou à terra o Reino: «Se lanço fora os demónios com o poder de Deus, é que chegou a vós o Reino de Deus». Mas este reino manifesta-se sobretudo na própria pessoa de Cristo, Filho de Deus e Filho do homem, que veio «para servir e dar a sua vida em redenção por muitos».

E quando Jesus, tendo sofrido pelos homens a morte da cruz, ressuscitou, apareceu como Senhor e Cristo e sacerdote eterno; e derramou sobre os discípulos o Espírito prometido pelo Pai. Pelo que a Igreja, enriquecida com os dons do seu fundador e guardando fielmente os seus preceitos de caridade, de humildade e de abnegação, recebe a missão de anunciar e instaurar o Reino de Cristo e de Deus em todos os povos e constitui o germe e o princípio de mesmo Reino na terra” (LG 5).

Questões para o diálogo

1. A Igreja tem a missão de «anunciar e instaurar o Reino de Cristo». Há sectores onde o anúncio não chega. Que desafios se colocam às pessoas e comunidades para melhor cumprir a missão da Igreja?
2. Porque será que em muitos casos a semente da palavra não germina nem cresce?
3. Que obstáculos encontra para se sentir Igreja, a colaborar na instauração do Reino de Deus?

5. Figuras da Igreja

Para melhor explicar a Igreja, Jesus recorreu a imagens muito diversas.

“Assim a Igreja é o redil, cuja única porta e Pastor é Cristo. É também o rebanho do qual Deus predisse que seria o pastor e cujas ovelhas são guiadas e alimentadas pelo próprio Cristo, bom pastor o qual deu a vida pelas suas ovelhas.

A Igreja é o campo de Deus. Ela foi plantada pelo celeste agricultor como uma vinha eleita. A verdadeira videira é Cristo que dá vida e fecundidade aos sarmentos, isto é, a nós que pela Igreja permanecemos n’Ele.

A Igreja é também chamada construção de Deus. O próprio Senhor se comparou à pedra que os construtores rejeitaram e se tornou pedra angular. Sobre esse fundamento é a Igreja construída pelos Apóstolos e d’Ele recebe firmeza e coesão. A Igreja é também descrita como esposa imaculada do Cordeiro imaculado, a qual Cristo «amou e por quem Se entregou, para a santificar», uniu a Si e sem cessar «alimenta e conserva», a qual, purificada, quis unida a Si e submissa no amor e fidelidade, cumulando-a, por fim, eternamente, de bens celestes. Enquanto, na terra, a Igreja peregrina longe do Senhor, tem-se por exilada, buscando e saboreando as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus, e onde a vida da Igreja está escondida com Cristo em Deus, até que apareça com seu esposo na glória» (LG 6).

Questões para o diálogo

1. Escolha a imagem que, para si melhor caracteriza a Igreja. Que propostas faz para que a sua comunidade e a diocese se revise nessa imagem?

2. Na sua comunidade as pessoas sentem-se bem e são bem acolhidas? Que é preciso para que isso aconteça?

6. A Igreja, Corpo místico de Cristo

O Concílio diz-nos a importância que os sacramentos têm na nossa vida, como por eles crescemos na vida de Deus e como, assim fortalecidos, ficamos aptos a prestar serviços na comunidade.

“O Filho de Deus remiu o homem e transformou-o em nova criatura. Pois, comunicando o Seu Espírito, fez de todos os Seus irmãos como que o Seu Corpo.

É nesse corpo que a vida de Cristo se difunde nos que crêem, por meio dos sacramentos. Com efeito, pelo Baptismo somos assimilados a Cristo; «todos nós fomos baptizados no mesmo Espírito, para formarmos um só corpo». Por este rito sagrado é representada e realizada a união com a morte e ressurreição de Cristo: «fomos sepultados, pois, com Ele, por meio do Baptismo, na morte»; se, porém, «nos tornámos com Ele um mesmo ser orgânico por morte semelhante à Sua, por semelhante ressurreição o seremos também. Ao participar do corpo do Senhor, na fracção do pão eucarístico, somos elevados à comunhão com Ele e entre nós. «Porque há um só pão, nós, que somos muitos, formamos um só corpo, visto participarmos todos do único pão». E deste modo nos tornamos todos membros desse corpo, sendo individualmente membros uns dos outros».

E assim como todos os membros do corpo humano, apesar de serem muitos, formam um só corpo, assim também os fiéis em Cristo. Também na edificação do Corpo de Cristo existe diversidade de membros e de funções. É um mesmo Espírito que distribui os seus vários dons segundo a sua riqueza e as necessidades dos ministérios para utilidade da Igreja. O mesmo Espírito produz e promove a caridade entre os fiéis. Daí que, se algum membro padece, todos os membros sofrem juntamente; e se algum membro recebe honras, todos se alegram.

Ele mesmo distribui no Seu corpo que é a Igreja, os dons dos diversos ministérios, com os quais nos prestamos mutuamente serviços em ordem à salvação, de maneira que, professando a verdade na caridade, crescamos em tudo para Aquele que é a nossa cabeça.” (LG 7).

Questões para o diálogo

1. Que é preciso fazer para que os batizados se sintam verdadeiro corpo de Cristo, Igreja?
2. A comunhão de vida com Deus e com os irmãos perde-se ou torna-se débil com o pecado. O sacramento da reconciliação é uma prática frequente e acessível na minha comunidade? Que sugestões dá para melhorar?

5º Elaboração de propostas de acção pastoral a partir das perguntas propostas sobre o tema

6º Recitação da Oração do Sínodo ou cântico do Hino

3º ENCONTRO

1º Acolhimento

2º Oração

3º Leitura de: 1 Cor 12, 12-13, 24b -26

4º Reflexão sobre o tema

7. A Igreja, sociedade visível e espiritual

A Igreja é um corpo vivo integrado na sociedade. Os cristãos não são um grupo à parte. *«A Igreja terrestre e a Igreja ornada com os dons celestes não se devem considerar como duas entidades, mas como uma única realidade complexa, formada pelo duplo elemento humano e divino.*

Esta é a única Igreja de Cristo, que no Credo confessamos ser una, santa, católica e apostólica; depois da ressurreição, o nosso Salvador entregou-a a Pedro para que a apascentasse, confiando também a ele e aos demais Apóstolos a sua difusão e governo, e erigindo-a para sempre em «coluna e fundamento da verdade». Esta Igreja é governada pelo sucessor de Pedro e pelos Bispos em união com ele.

Mas, assim como Cristo realizou a obra da redenção na pobreza e na perseguição, assim a Igreja é chamada a seguir pelo mesmo caminho para comunicar aos homens os frutos da salvação. Cristo Jesus *«que era de condição divina, despojou-se de si próprio tomando a condição de escravo e por nós, «sendo rico, fez-se pobre»*: assim também a Igreja, embora necessite dos meios humanos para o prosseguimento da sua missão, não foi constituída para alcançar a glória terrestre, mas para divulgar a humildade e abnegação, também com o seu exemplo. Cristo foi enviado pelo Pai *«a evangelizar os pobres... a sarar os contritos de coração»*, *«a procurar e salvar o que perecera»*. De igual modo, a Igreja abraça com amor todos os afligidos pela enfermidade humana; mais ainda, reconhece nos pobres e nos que sofrem a imagem do seu fundador pobre e sofredor, procura aliviar as suas necessidades, e intenta servir neles a Cristo. Enquanto Cristo *«santo, inocente, imaculado»*, não conheceu o pecado, mas veio apenas expiar os pecados do povo, a Igreja, contendo pecadores no seu próprio seio, simultaneamente santa e sempre necessitada de purificação, exercita continuamente a penitência e a renovação (LG 8).

Questões para o diálogo

1. A Igreja está no mundo para ser fermento do Reino de Deus. Perde a força missionária quando se encerra em si mesma. Que fazer para ir a todos e a todos conquistar para Cristo?
2. A Igreja, seguindo os passos de Cristo, mostra o verdadeiro rosto de Deus quando cuida dos mais pobres. A minha comunidade tem organizado o cuidado dos pobres, dos doentes, dos que vivem sós, etc? Que mais deveria fazer? Que sugere à diocese neste sector?

8. Um só Espírito, um só Batismo, uma só fé, um só Pão, um só corpo

A comunhão eclesial é, sobretudo, um dom de Deus. Pelo Batismo Deus faz de nós seus filhos pela intervenção do Espírito Santo que nos une a todos os filhos de Deus regenerados no mesmo banho purificador. Assim, elevados à filiação divina, Deus torna-nos verdadeiramente irmãos. Animados pelo Espírito Santo, a união fraterna fica profundamente vincada em todos e em cada um.

Por outro lado, sempre que renovamos aquilo que Jesus fez na última Ceia com os Apóstolos, sempre que a comunidade cristã se reúne para a celebração eucarística, *«realiza-se a obra da nossa redenção»*. Na comunhão do corpo e do sangue de Cristo *«realiza-se a unidade dos fiéis, que constituem um só corpo em Cristo»*. Comungamos um só pão, fazemos um só corpo.

O Papa Bento XVI, na Carta Apostólica *«A Porta da Fé»*, lembra que os cristãos têm a mesma fé, a fé da Igreja. *«A própria profissão da fé é um ato simultaneamente pessoal e comunitário. De facto, o primeiro sujeito da fé é a Igreja. É na fé da comunidade cristã que cada um recebe o Batismo, sinal eficaz da entrada no povo dos crentes para obter a salvação»* (10).

Cristo permanece a Cabeça que dá a força da união à Igreja e, por isso, lhe enviou e envia continuamente o Espírito Santo que une, entre si, os membros dispersos.

Em relação à Igreja, diz o Vaticano II que *«Jesus Cristo vai aperfeiçoando a sua comunhão na unidade: na confissão duma só fé, na comum celebração do culto divino e na fraterna concórdia da família de Deus»* (UR 2). *«Este é o sagrado mistério da unidade da Igreja, em Cristo e por Cristo, realizando o Espírito Santo a variedade dos ministérios. Deste mistério o supremo modelo e princípio é a unidade dum só Deus, o Pai e o Filho e o Espírito Santo, na Trindade de pessoas»* (UR 2).

Questões para o diálogo

1. Que sugere para que o clero e os fiéis dêem a imagem de uma verdadeira unidade eclesial e comunhão fraterna
2. Que sugere para que os não crentes se sintam atraídos e desejosos de fazer a experiência de Deus na Igreja

5º Elaboração de propostas de acção pastoral a partir das perguntas propostas sobre o tema

6º Recitação da Oração do Sínodo ou cântico do Hino

TEMA 2

A Igreja, Povo de Deus

NOTA IMPORTANTE:

1. Antes de ir para o seu grupo de trabalho, leia com muita atenção os textos que se seguem; reflita sobre cada frase ou conjunto de frases; transporte para o trabalho do grupo as suas reflexões, se puder, por escrito.
2. O Animador e o Relator ou Secretário do grupo deverão preparar previamente o encontro, delineando a forma como vão ajudar o grupo na compreensão de cada texto antes de responder ao questionário.

ENCONTRO

- 1º Acolhimento
- 2º Oração
- 3º Leitura de: Ef 1, 3-6
- 4º Reflexão sobre o tema

1. A Igreja é o novo Povo de Deus

A noção de Igreja como Povo de Deus é uma das palavras-chave do Concílio Vaticano II, já que é a que melhor ajuda a compreender a natureza, vida, organização e missão da Igreja. A esta noção se dedica o segundo capítulo da Constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen gentium*, que assim começa: «*Aprouve a Deus salvar e santificar os homens, não individualmente..., mas constituindo-os num povo que O conheça na verdade e O sirva santamente*» (LG 9).

A noção de «*Povo de Deus*» vem do Antigo Testamento, onde a palavra hebraica “povo” designa o conjunto daqueles que fazem parte da mesma família, mantendo entre si estreitos laços de consanguinidade, porque procedem de um só. Ser «*Povo de Deus*» significa, pois, ser Família de Deus (cf. Ef 2,19), «*Ser Povo de Deus*» constitui a principal promessa da Aliança. Logo no início, ao chamar Abraão (ca. 1850 a.C.), Deus prometeu: «*Farei de*

ti uma grande nação... Em ti serão abençoadas todas as famílias da terra» (Gn 12,1-3). Tendo a aliança com Abraão sido renovada por meio de Moisés no monte Sinai (ca. 1250 a.C.) apenas com o povo de Israel (cf. Ex 24,7-8) – Aliança que este quebrou –, os profetas (740-520 a.C.) anunciaram uma nova aliança que transformaria o coração para que fôssemos capazes de amar e servir a Deus: *«Porei a minha lei no seu íntimo e escrevê-la-ei no seu coração; eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo»* (Jer 31,33).

Diversamente da anterior, a nova Aliança estender-se-ia a todas as nações. Esta promessa realizou-se em Jesus Cristo, que na Última Ceia a selou com o seu Sangue, deixando-nos o memorial da sua Páscoa na Eucaristia: *«Esta nova aliança instituiu-a Cristo, o novo testamento no Seu sangue, chamando o Seu povo de entre os judeus e os gentios, para formar um só, não segundo a carne, mas no Espírito e tornar-se o Povo de Deus»* (LG 9).

O novo Povo de Deus, nascido de Cristo, chama-se “Igreja”, palavra grega que significa “assembleia reunida por convocação” das pessoas que fazem parte de uma determinada comunidade, quer para celebrar algum acontecimento, quer para se pronunciar sobre questões que lhe diziam respeito. “*Ser Igreja*” significa pois ser chamado a fazer parte de uma comunidade na qual e pela qual se é responsável, isto é, chamado a responder em primeira pessoa, contribuindo para o seu crescimento, edificação da fraternidade e construção da comunhão, de modo a fazer dela a família de Deus.

Questões para o diálogo

1. Quando se fala em Igreja em que penso?
2. Na minha comunidade sentem-se todos membros da Igreja, ou seja, da família de Deus: casais, jovens, adultos, idosos, crianças, etc.?

2. Características do Povo de Deus

A Lumen Gentium, nn. 9-17 apresenta diversas características da Igreja, comuns a todos os membros do Povo/Família de Deus:

- A Igreja é o «*Povo messiânico que tem Cristo por Cabeça*». A Igreja professa a sua fé em Jesus, o Filho de Deus, como o Messias prometido,

que pela Sua Cruz, morte e ressurreição foi constituído Senhor do universo e, exaltado junto do Pai, enviou o Espírito Santo, para que a Igreja, unida a Ele, possa continuar a Sua missão em toda a parte até ao fim dos tempos.

- *«É condição deste povo a dignidade e a liberdade dos filhos de Deus, em cujos corações o Espírito Santo habita como num templo».* Cristo libertou-nos do pecado e une-nos a Si, fazendo de nós filhos de Deus e templos do Espírito Santo.
- Habitando em nós, o Espírito Santo, dom do amor de Deus, comunica-nos a lei fundamental deste povo, lei inscrita nos corações, que *«é o novo mandamento, o de amar assim como o próprio Cristo nos amou»* (cf. Jo 13,34).
- O Povo de Deus *«tem por fim o Reino de Deus, o qual, começado na terra pelo próprio Deus, se deve desenvolver até ser também por Ele consumado no fim dos séculos, quando Cristo, nossa vida, aparecer».*
- *«Este povo messiânico, ainda que não abranja de facto todos os homens, e não poucas vezes apareça como um pequeno rebanho, é, contudo, para todo o género humano o mais firme gérmen de unidade, de esperança e de salvação. Estabelecido por Cristo como comunhão de vida, de caridade e de verdade, é também por Ele assumido como instrumento de redenção universal e enviado a toda a parte como luz do mundo e sal da terra».* A Igreja, Povo de Deus, entra assim *«na história dos homens..., e caminhando no meio de tentações e tribulações, ... é confortada pela força da graça de Deus,... para que não se afaste da perfeita fidelidade por causa da fraqueza da carne, mas permaneça digna esposa do seu Senhor, e, sob a ação do Espírito Santo, não cesse de se renovar até que, pela cruz, chegue à luz que não conhece ocaso».* (LG 9).
- Constituída por pessoas de todo o género, etnia, cultura, língua ou nação, a Igreja é católica (do grego, “universal, que tudo inclui”), porque *«ao implantar este reino, não subtrai coisa alguma ao bem temporal de nenhum povo, mas, pelo contrário, fomenta e assume as*

qualidades, as riquezas, os costumes e o modo de ser dos povos, na medida em que são bons; e assumindo-os, purifica-os, fortalece-os e eleva-os.. Por este caráter de universalidade... a Igreja católica tende... à recapitulação total da humanidade com todos os seus bens sob a cabeça, Cristo, na unidade do Seu Espírito. Em virtude desta mesma catolicidade, cada uma das partes traz às outras e a toda a Igreja os seus dons particulares, de maneira que o todo e cada uma das partes aumentem pela comunicação mútua entre todos e pela aspiração comum à plenitude na unidade» (LG 13).

- *«Todos os homens são chamados a fazer parte desta unidade católica do Povo de Deus..., a ela pertencem, de vários modos, ou a ela se ordenam, quer os católicos quer os outros que acreditam em Cristo quer, finalmente, todos os homens em geral, chamados pela graça de Deus à salvação» (LG 13),* que consiste em viver em íntima comunhão filial com Deus e em comunhão fraterna com os irmãos por meio de Cristo, que nos salvou do pecado, que nos separava uns dos outros e de Deus. Neste sentido a Igreja é necessária à salvação (LG 14), já que é nela que essa comunhão se realiza perfeitamente, vivendo unidos ao Senhor e unidos no Senhor. Daí que todos os crentes e pessoas de boa vontade, que aspiram a esta mesma paz e unidade, estão de alguma forma unidos a ele por meio da graça de Deus, que quer que todos os homens se salvem (LG 14-16).
- Sendo católico, o Povo de Deus é também apostólico, porque enviado por Cristo *«a anunciar a verdade da salvação»* e a *«levá-la até aos confins da terra»* a todos os povos e gentes. *«A cada discípulo de Cristo incumbe o encargo de difundir a fé, segundo a própria medida» (LG 17).*

Questões para o diálogo

1. A presença de Deus é reconhecível nas nossas reuniões e grupos? Como testemunhamos a salvação de que somos portadores?
2. A nossa ação estende-se a todos e assume os valores da cultura do nosso povo?

3. A Igreja, continuadora da missão de Cristo

Porque Povo de Deus, chamado a continuar na força do Espírito a missão de Cristo no tempo no meio dos homens, a Igreja participa do múnus sacerdotal, profética e real de Jesus Cristo.

- a). Se a sua missão, que passa pela partilha e comunhão fraterna, é levada a sério, então também cada um sente a necessidade de pessoal e comunitariamente se encontrar com o Senhor na celebração da Eucaristia e dos sacramentos, e de a Ele permanecer unido pela oração, rejeitando tudo o que desvirtua ou esfria a comunhão fraterna. Cada cristão exerce assim a sua função sacerdotal (LG 10-11).
- b). Enquanto comunidade que permanece no ensinamento dos apóstolos, escutando assiduamente, alimentando-se diariamente e anunciando fielmente a Palavra, o Povo de Deus exerce a sua função profética de ser portadores e testemunha do Evangelho a todos: em casa, na família, no trabalho, aos que andam afastados, aos que já ouviram falar de Cristo e aos que ainda não O conhecem (cf. LG 12).
- c). Cada cristão que, iluminado pela Palavra, descobriu a riqueza da vida fraterna, empenha-se em construir a comunhão fraterna, pondo-se ao serviço dos outros e dispondo-se a partilhar dons, bens e tempo, indo ao encontro daqueles que sofrem, sobretudo dos mais desfavorecidos. Preocupando-se a com o bem de cada um, a construção da comunidade e aprofundamento da comunhão fraterna exercita deste modo a sua função real (cf. LG 13).

Para que este serviço possa ser levado a cabo com eficácia o Povo de Deus é enriquecido com diversos carismas (dons gratuitos do Espírito Santo, dados em ordem ao bem comum) e ministérios (ou serviços), entre os quais se destaca o ministério eclesial (Papa, Bispos, presbíteros, diáconos), que tem a função de governar e santificar o Povo de Deus. Diz o Concílio: *«O mesmo Espírito Santo não só santifica e conduz o Povo de Deus por meio dos sacramentos e ministérios e o adorna com virtudes, mas “distribuindo a cada um os seus dons como lhe apraz”, distribui também carismas especiais entre os fiéis de todas as classes, os quais os tornam aptos e dispostos a tomar*

diversas obras e encargos, proveitosos para a renovação e cada vez mais ampla edificação da Igreja... Estes carismas, quer sejam os mais elevados, quer também os mais simples e comuns, devem ser recebidos com ação de graças e consolação, por serem muito acomodados e úteis às necessidades da Igreja... O juízo acerca da sua autenticidade e reto uso, pertence àqueles que presidem na Igreja e aos quais compete... não extinguir o Espírito mas julgar tudo e conservar o que é bom» (LG 12).

Questões para o diálogo

- 1.** Temos construído comunidade? Além de catequistas e leitores, que outros carismas e serviços encontramos e são necessários para que as nossas comunidades levem a cabo a missão que Cristo nos confiou como Povo de Deus?
- 2.** Que propostas apresentamos para a Igreja na nossa Diocese apareça cada vez mais como Povo/Família de Deus?

5º Elaboração de propostas de acção pastoral a partir das perguntas propostas sobre o tema

6º Recitação da Oração do Sínodo ou cântico do Hino

TEMA 3

Igreja, Estruturas de Participação e Corresponsabilidade

NOTA IMPORTANTE:

1. Antes de ir para o seu grupo de trabalho, leia com muita atenção os textos que se seguem; reflita sobre cada frase ou conjunto de frases; transporte para o trabalho do grupo as suas reflexões, se puder, por escrito.
2. O Animador e o Relator ou Secretário do grupo deverão preparar previamente o encontro, delineando a forma como vão ajudar o grupo na compreensão de cada texto antes de responder ao questionário.

1º ENCONTRO

- 1º Acolhimento
- 2º Oração
- 3º Leitura de: Ef 1, 3-6
- 4º Reflexão sobre o tema

Introdução

Já percebemos, pela reflexão dos temas anteriores, a importância da Constituição Lumen Gentium (LG) do Concílio Vaticano II. Ela é, sem dúvida, um dos seus documentos basilares e é nela que encontramos orientações claras sobre a identidade da Igreja e a sua missão, enquanto continuadora de Cristo. Centremo-nos, de novo, na LG para tentarmos aprofundar este 3º Tema.

A Constituição Lumen Gentium

Sinal de uma nova Ecclesiology, a LG só depois de abordar a Igreja enquanto Mistério de Comunhão (I Capítulo) e como Povo de Deus (II Capítulo), entrará na sua constituição hierárquica. Da hierarquia fazem parte, como atrás já

se referiu, os Bispos, os Presbíteros e os Diáconos. Vejamos rapidamente o que sobre eles aí se diz. Depois passaremos aos Leigos:

18. *“Cristo Nosso Senhor, para apascentar e aumentar continuamente o Povo de Deus, instituiu na Igreja diversos ministérios, para bem de todo o corpo. Com efeito, os ministros que têm o poder sagrado servem os seus irmãos para que todos os que pertencem ao Povo de Deus, e por isso possuem a verdadeira dignidade cristã, alcancem a salvação, cooperando livre e ordenadamente para o mesmo fim”.*

20. *A missão divina confiada por Cristo aos Apóstolos durará até ao fim dos tempos (cfr. Mt. 28,20), uma vez que o Evangelho que eles devem anunciar é em todo o tempo o princípio de toda a vida na Igreja. Pelo que os Apóstolos trataram de estabelecer sucessores, nesta sociedade hierarquicamente constituída. (...) Portanto, os Bispos receberam, com os seus colaboradores os presbíteros e diáconos, o encargo da comunidade, presidindo em lugar de Deus ao rebanho de que são pastores como mestres da doutrina, sacerdotes do culto sagrado, ministros do governo.*

28. *(...) Os presbíteros, (...) participantes, segundo o grau do seu ministério, da função de Cristo mediador único (1 Tim, 2,5), anunciam a todos a palavra de Deus. Os presbíteros, como esclarecidos cooperadores da ordem episcopal e a sua ajuda e instrumento, chamados para o serviço do Povo de Deus, constituem com o seu Bispo um presbitério com diversas funções. Em cada uma das comunidades de fiéis, tornam de algum modo presente o Bispo, ao qual estão associados com ânimo fiel e generoso e cujos encargos e solicitude assumem, segundo a própria medida, e exercem com cuidado quotidiano. Sob a autoridade do Bispo, santificam e governam a porção do rebanho a si confiada, tornam visível, no lugar em que estão, a Igreja universal e prestam uma grande ajuda para a edificação de todo o corpo de Cristo (cfr. Ef. 4, 12). Sempre atentos ao bem dos filhos de Deus, procurem dar a sua ajuda ao trabalho de toda a diocese, melhor, de toda a Igreja. Por causa desta participação no sacerdócio e na missão, reconheçam os presbíteros o Bispo verdadeiramente como pai, e obedeçam-lhe com reverência. O Bispo, por seu lado, considere os sacerdotes, seus colaboradores, como filhos e amigos, à imitação de Cristo que já não chama aos seus discípulos servos mas amigos (cfr. Jo. 15,15).*

29. *Em grau inferior da hierarquia estão os diáconos, aos quais foram impostas as mãos «não em ordem ao sacerdócio mas ao ministério» (109). Pois que, fortalecidos com a graça sacramental, servem o Povo de Deus em união com o Bispo e o seu presbitério, no ministério da Liturgia, da palavra e da caridade. É próprio do diácono, segundo for cometido pela competente autoridade, administrar solenemente o Baptismo, guardar e distribuir a Eucaristia, assistir e abençoar o Matrimónio em nome da Igreja, levar o viático aos moribundos, ler aos fiéis a Sagrada Escritura, instruir e exortar o povo, presidir ao culto e à oração dos fiéis, administrar os sacramentais, dirigir os ritos do funeral e da sepultura. Consagrados aos ofícios da caridade e da administração, lembrem-se os diáconos da recomendação de S. Policarpo: «misericordiosos, diligentes, caminhando na verdade do Senhor, que se fez servo de todos»*

Questões para o diálogo

Acabámos de fazer uma rápida incursão pelas linhas orientadoras da estrutura hierárquica da Igreja:

- 1.** É esta a imagem que tem das funções do Bispo, do Presbítero e do Diácono?
- 2.** Como vê a relação entre o nosso Bispo, o Presbitério e os Diáconos?
- 3.** Qual é a imagem que aqueles que não participam habitualmente na Igreja têm da hierarquia em geral e da realidade da nossa Diocese?

5º Elaboração de propostas de acção pastoral a partir das perguntas propostas sobre o tema

6º Recitação da Oração do Sínodo ou cântico do Hino

2º ENCONTRO

1º Acolhimento

2º Oração

3º Leitura de: Ef 1, 3-6

4º Reflexão sobre o tema

A Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo

Os Leigos são a maioria dos membros da Igreja. A eles dedicou o Concílio, além das referências na Constituição *Lumen Gentium*, um Decreto, o *Apostolicam Actuositatem*. Para não nos alongarmos nesta reflexão, é aconselhável que todos os Leigos, nomeadamente os mais envolvidos na actividade eclesial, o leiam, meditem, e confrontem com a sua realidade eclesial. Ficam-nos apenas alguns textos:

3. O dever e o direito ao apostolado advêm aos **leigos** da sua mesma união com Cristo cabeça. Com efeito, inseridos pelo Baptismo no Corpo místico de Cristo, e robustecidos pela Confirmação com a força do Espírito Santo, é pelo Senhor mesmo que são destinados ao apostolado. São consagrados em ordem a um sacerdócio real e um povo santo (cfr. 1 Ped. 2, 4-10) para que todas as suas actividades sejam oblações espirituais e por toda a terra dêem testemunho de Cristo. E os sacramentos, sobretudo a sagrada Eucaristia, comunicam e alimentam neles aquele amor que é a alma de todo o apostolado. (...) A todos os fiéis incumbe, portanto, o glorioso encargo de trabalhar para que a mensagem divina da salvação seja conhecida e recebida por todos os homens em toda a terra.”

9. Os leigos exercem o seu apostolado multiforme tanto na **Igreja** como no **mundo**. Em ambos os planos se abrem vários campos de actividade apostólica de que queremos aqui lembrar os principais. São: **as comunidades eclesiais**, a **família**, a **juventude**, o **meio social**, as **ordens nacional e internacional**. E como hoje a **mulher** tem cada vez mais parte activa em toda a vida social, é da maior importância que ela tome uma participação mais ampla também nos vários campos do apostolado da Igreja. (...) A **paróquia** dá-nos um exemplo claro de apostolado comunitário porque congrega numa unidade toda a diversidade humana que aí se encontra e a insere na universalidade da Igreja. Acostumem-se os leigos a trabalhar na paróquia intimamente

unidos aos seus sacerdotes, a trazer para a comunidade eclesial os próprios problemas e os do mundo e as questões que dizem respeito à salvação dos homens, para que se examinem e resolvam no confronto de vários pareceres. (...) Cultivem o sentido de **diocese**, de que a paróquia é como que uma célula, e estejam sempre prontos, à voz do seu pastor, a somar as suas forças às iniciativas diocesanas. Mas, para responder às necessidades das cidades e das regiões rurais, não confinem a sua cooperação dentro dos limites da paróquia ou da diocese, mas esforcem-se por estendê-la aos campos interparoquial, interdiocesano, nacional ou internacional.

16. O apostolado individual que deriva com abundância da fonte de uma vida verdadeiramente cristã (cfr. Jo. 4,14), é origem e condição de todo o apostolado dos leigos, mesmo do associado, nem nada o pode substituir. A este apostolado, sempre e em toda a parte proveitoso e em certas circunstâncias o único conveniente e possível, são chamados e, por isso, obrigados todos os leigos, de qualquer condição; ainda que não se lhes proporcione ocasião ou possibilidade de cooperar nas associações. São muitas as formas de apostolado pelas quais os leigos **edificam a Igreja, santificam o mundo e o vivificam em Cristo**. A forma peculiar do apostolado individual, e sinal muito acomodado também aos nossos tempos, porque manifesta Cristo vivo nos seus fiéis, é o testemunho de toda a vida laical que flui da fé, esperança e caridade. Porém, **pelo apostolado da palavra**, em certas circunstâncias absolutamente necessário, os leigos anunciam a Cristo, expõem a sua doutrina, difundem-na segundo a sua própria condição e capacidade, e professam-na com fidelidade. Além disso, **como cidadãos deste mundo**, os leigos, ao cooperarem **na construção e governo da ordem temporal**, devem, **na vida familiar, profissional, cultural e social**, buscar, à luz da fé, normas de acção mais elevadas e manifestá-las aos outros oportunamente, conscientes de que assim se tornam cooperadores de Deus criador, redentor e santificador, e Lhe dão glória. Finalmente, vivifiquem os leigos a sua vida com a caridade e mostrem-no por obras na medida do possível.

18. Os fiéis exerçam, por conseguinte, o seu apostolado trabalhando para um só fim. Sejam apóstolos assim nas suas comunidades familiares como nas paróquias e dioceses, as quais exprimem a índole comunitária do apostolado. Exerçam-no também nas associações livres que resolverem

formar. (...) O **apostolado em associação** é de grande importância também porque, nas comunidades eclesiais e nos vários meios, o apostolado exige com frequência ser realizado mediante a acção comum. As associações criadas para a acção apostólica comum fortalecem os seus membros e formam-nos para o apostolado.

19. Há uma grande **variedade** de **associações** de **apostolado**. Algumas propõem-se o **fim apostólico geral** da Igreja. Outras, de modo particular, **fins de evangelização e santificação**. Outras, ainda, têm como fim **animar cristãmente a ordem temporal**. Finalmente, algumas dão testemunho de Cristo, de modo especial, pelas **obras de misericórdia** e de **caridade**. Entre estas associações são de considerar, antes de mais, aquelas que fomentam e promovem uma unidade mais íntima entre a vida prática dos membros e a sua fé. As associações não têm em si o seu fim, mas devem servir à missão que a Igreja tem de cumprir para com o mundo. A sua força apostólica depende da conformidade com os fins da Igreja e do testemunho cristão e espírito evangélico de cada um dos membros e de toda a associação. (...) Respeitada a devida relação com a autoridade eclesiásticas, os leigos têm o direito de fundar associações, governá-las, e, uma vez fundadas, dar-lhes um nome. (...) Nem sempre será oportuno que formas criadas numa nação, sejam trasladadas, sem critério, para outras.

25. Tanto os **Bispos** como os **párocos** e demais **sacerdotes** de **ambos os cleros**, devem ter presente que o **direito e dever** de exercer o apostolado são comuns a todos os **fiéis**, clérigos e leigos, e que também estes últimos têm um papel a desempenhar na edificação da Igreja. Tratem, pois, fraternalmente com os leigos na Igreja e para a Igreja, e tenham deles cuidado especial nas suas obras apostólicas. (...) Finalmente, os **religiosos** e as **religiosas** tenham em apreço as obras apostólicas dos leigos; consagrem-se de boa vontade a promover as obras destes, segundo o espírito e normas dos próprios Institutos; e procurem apoiar, auxiliar, e completar as funções sacerdotais.

Questões para o diálogo

1. Todos os documentos da Igreja são unânimes em falar da missão dos cristãos na Igreja e no Mundo. Acha que os cristãos da nossa Diocese estão conscientes desta dupla missão?

2. Quais os campos de acção prioritários para os Leigos na nossa Diocese? Que falhas detecta e que sugestões faz?
3. Falava-se há pouco do apostolado individual e associado e da necessidade de ambos. Como vê a realidade da sua Paróquia e da nossa Diocese? Os cristãos têm noção da sua missão em termos individuais? Procuram associar-se para viver a fé? Quais os grupos ou formas de associativismo laical que conhece na sua realidade, ou considera deverem existir?
4. Como vê a relação do Bispo e do clero com os leigos?

5º Elaboração de propostas de acção pastoral a partir das perguntas propostas sobre o tema

6º Recitação da Oração do Sínodo ou cântico do Hino

3º ENCONTRO

1º Acolhimento

2º Oração

3º Leitura de: Ef 1, 3-6

4º Reflexão sobre o tema

A Exortação Apostólica *Christifideles Laici* (1988)

Seria desejável que todos os Leigos pudessem ler e aprofundar esta Exortação Apostólica que lhes é particularmente dedicada. Com o objectivo de ajudar a entrar na mesma, apresentam-se de seguida, em tópicos, os assuntos nela abordados:

Introdução

Capítulo I: A dignidade dos Fiéis Leigos na Igreja-Mistério

- a) Quem são os fiéis leigos? (nº9)
- b) O Baptismo e a novidade cristã (nn.10-14)
- c) A especificidade dos Leigos: índole secular (nn.15-17)

Capítulo II: A participação dos Fiéis Leigos na vida da Igreja-Comunhão

- a) O mistério da Igreja-comunhão (nn.18-20)
 - b) Os ministérios e os carismas, dons do Espírito à Igreja (nn.21-24)
 - c) A participação na vida da Igreja (nn.25-27)
 - d) Formas de participação (Pessoais, nº 28; Associativas, nº 29; Critérios de Eclesialidade para as agregações laicais, nº 30)
- Pela sua importância incluímos todo o conteúdo do nº 30.

30. É sempre na perspectiva da comunhão e da missão da Igreja e não, portanto, em contraste com a liberdade associativa, que se compreende a necessidade de claros e precisos critérios de discernimento e de reconhecimento das agregações laicais, também chamados «critérios de eclesialidade».

Como critérios fundamentais para o discernimento de toda e qualquer agregação dos fiéis leigos na Igreja, podem considerar-se de forma unitária, os seguintes:

— O primado dado à vocação de cada cristão à santidade, manifestado «nos frutos da graça que o Espírito produz nos fiéis» (109) como crescimento para a plenitude da vida cristã e para a perfeição da caridade.

Nesse sentido, toda e qualquer agregação de fiéis leigos é chamada a ser sempre e cada vez mais instrumento de santidade na Igreja, favorecendo e encorajando «uma unidade mais íntima entre a vida prática dos membros e a própria fé».

— A responsabilidade em professar a fé católica, acolhendo e proclamando a verdade sobre Cristo, sobre a Igreja e sobre o homem, em obediência ao Magistério da Igreja, que autenticamente a interpreta. Por isso, toda a agregação de fiéis leigos deve ser lugar de anúncio e de proposta da fé e de educação na mesma, no respeito pelo seu conteúdo integral.

— O testemunho de uma comunhão sólida e convicta, em relação filial com o Papa, centro perpétuo e visível da unidade da Igreja universal, e com o Bispo «princípio visível e fundamento da unidade» da Igreja particular, e na «estima recíproca entre todas as formas de apostolado na Igreja».

A comunhão com o Papa e com o Bispo é chamada a exprimir-se na disponibilidade leal em aceitar os seus ensinamentos doutrinais e orientações

pastorais. A comunhão eclesial exige, além disso, que se reconheça a legítima pluralidade das formas agregativas dos fiéis leigos na Igreja e, simultaneamente, a disponibilidade para a sua recíproca colaboração.

— A conformidade e a participação na finalidade apostólica da Igreja, que é a evangelização e a santificação dos homens e a formação cristã das suas consciências, de modo a conseguir permear de espírito evangélico as várias comunidades e os vários ambientes».

Nesta linha, exige-se de todas as formas agregativas de fiéis leigos, e de cada uma deles, um entusiasmo missionário que as torne, sempre e cada vez mais, sujeitos de uma nova evangelização.

— O empenho de uma presença na sociedade humana que, à luz da doutrina social da Igreja, se coloque ao serviço da dignidade integral do homem. Assim, as agregações dos fiéis leigos devem converter-se em correntes vivas de participação e de solidariedade para construir condições mais justas e fraternas no seio da sociedade.

Os critérios fundamentais acima expostos encontram a sua verificação nos frutos concretos que acompanham a vida e as obras das diversas formas associativas, tais como: o gosto renovado pela oração, a contemplação, a vida litúrgica e sacramental; a animação pelo florescimento de vocações ao matrimónio cristão, ao sacerdócio ministerial, à vida consagrada; a disponibilidade em participar nos programas e nas atividades da Igreja, tanto a nível local como nacional ou internacional; o empenhamento catequético e a capacidade pedagógica de formar os cristãos; o impulso em ordem a uma presença cristã nos vários ambientes da vida social e a criação e animação de obras caritativas, culturais e espirituais; o espírito de desapego e de pobreza evangélica em ordem a uma caridade mais generosa para com todos; as conversões à vida cristã ou o regresso à comunhão por parte de baptizados «afastados».

Capítulo III: A Corresponsabilidade dos Fiéis Leigos na Igreja-Missão

a) Natureza da corresponsabilidade (nn. 32-35)

b) Viver o Evangelho servindo a pessoa e a sociedade (Promover a igualdade

da pessoa, nº37; Venerar o inviolável direito à vida, nº 38; Liberdade Religiosa, nº 39; A Família, primeira prioridade, nº 40; Caridade e Solidariedade, nº 41; O campo da Política, nº 42; Pôr o homem no centro da vida económico-social, nº 43; A evangelização das Culturas, nº 44)

Capítulo IV: Bons Administradores da multiforme graça de Deus

- a)** A variedade das vocações (nº 45)
- b)** Jovens, crianças e idosos (nn.46-48)
- c)** Mulheres e Homens (Fundamentos Antropológicos e Teológicos, nº 50; Missão na Igreja e no Mundo, nº51; Compresença e colaboração, nº 52)
- d)** Doentes e atribulados (nn.53-54)
- e)** Estados de vida e Vocações (nn.55-56)

Capítulo V: A Formação do Fiéis Leigos

- a)** Natureza (Descobrir e viver a própria vocação, nn.57-58; Formação integral, nº 59)
- b)** Método (Aspectos da Formação, nº 60; Colaboradores de Deus educador, nº 61; A formação dada e recebida, nº63)

Questões para o diálogo

1. Conhecia este documento? Alguma vez ouviu falar dele no seu Grupo/ Movimento, na sua Paróquia ou na Diocese? Trouxe-lhe novidades? Quais?
2. Sente que os cristãos participam e se sentem corresponsáveis na vida da Igreja, quer a nível paroquial, quer diocesano? Acha que são ouvidos e as suas opiniões consideradas?
3. Tem conhecimento da existência de estruturas paroquiais e diocesanas de participação como: o Conselho Presbiteral, o Conselho Pastoral da diocese e da paróquia, o Colégio de Consultores, e os Arciprestados? Sabe como funcionam? Se sim, como vê o seu funcionamento?
4. Considera que tem havido ofertas de formação suficientes e adequadas para os cristãos poderem crescer na fé e no compromisso como cidadãos da Igreja e do Mundo? Que propostas faz?

5º Elaboração de propostas de acção pastoral a partir das perguntas propostas sobre o tema

6º Recitação da Oração do Sínodo ou cântico do Hino



Design: PP

DIOCESE DE BEJA